



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES  
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**RACISMO NO ENSINO SUPERIOR: O RACISMO À BRASILEIRA NA  
UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

**IZABELA CRISTINA FREIRE GOUVEIA SILVA**

**REDENÇÃO – CE  
2017**

**IZABELA CRISTINA FREIRE GOUVEIA SILVA**

**RACISMO NO ENSINO SUPERIOR: O RACISMO À BRASILEIRA NA  
UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Dra. Joana Rower

**REDENÇÃO-CE  
2017**

**IZABELA CRISTINA FREIRE GOUVEIA SILVA**

**RACISMO NO ENSINO SUPERIOR: O RACISMO À BRASILEIRA NA  
UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, para obtenção do título de bacharel em humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Orientador: Professora Dra. Joana Rower.

Data da aprovação: 20/12/2017 Nota: 8,5

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Joana Elisa Rower

(Orientador)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Eduardo Gomes Machado

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
(UNILAB)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Pedro Rogério Sousa da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
(UNILAB)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus, e sua infinita graça e misericórdia o qual me fez chegar até aqui. Em segundo lugar minha família, principalmente minha avó, saudosa Rita Freire. Minha “maíinha” a pessoa mais importante da minha vida! Posteriormente meu noivo Rodrigues Neto pessoa humilde e leal que sempre esteve pronto a me ajudar acreditando no meu potencial. Aos meus amigos, professores, minha amada orientadora Joana Hower que com seu amor e paciência foram sem dúvida primordiais para a elaboração deste projeto. O meu muito obrigada!!!!

## LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico nº 1: Quantidade de trabalhos realizados por ano.....	8
Gráfico nº 2: Temáticas trabalhadas nas pesquisas.....	9
Gráfico nº 3: Bases teóricas.....	10
Gráfico nº 4: Autores.....	12

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantitativo geral dos estudantes da UNILAB.....	19
--	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>8</b>
<b>3. QUESTÃO DE PESQUISA .....</b>	<b>8</b>
<b>4. OBJETIVOS .....</b>	<b>9</b>
4.1 Objetivo Geral .....	9
4.2 Objetivos Específicos .....	9
<b>5. LEVANTAMENTO DAS PESQUISAS SOBRE RACISMO NA UNILAB .....</b>	<b>9</b>
<b>6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>15</b>
6.1 Falando sobre racismo .....	15
6.2 Democracia racial, como ideologia do autoengano .....	17
6.3 A denúncia do Racismo .....	18
6.4 A lei 10.639/2003 suas contribuições .....	19
6.5 UNILAB um sonho que se tornou realidade .....	20
6.6 Movimento negro e a luta incessante por oportunidades .....	22
6.7 As cotas raciais .....	23
<b>7. METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>7. REFERENCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa debruça-se sobre a temática do racismo e especificamente o racismo nas instituições de ensino superior. Entendendo que o racismo é uma violação aos direitos humanos (MALOMALO, 2010, 2014), sendo também um dos principais motivos que tem ocasionado a reprodução das desigualdades sociais entre negros e brancos. O acesso dos negros as universidades brasileiras, principalmente através de projetos de ação afirmativa, apesar de romperem com a normatividade branca na formação superior não cessam com práticas preconceituosas e com o racismo.

A Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, enquanto instituição pública foi desenvolvida por meio de um acordo bilateral entre países parceiros com o intuito de proporcionar a formação de milhares de alunos brasileiros e do continente africano, constituindo-se um espaço de integração e interação entre negros e brancos, entre estrangeiros e brasileiros. Encontra-se instalada na cidade de Redenção, no interior do estado do Ceará, cidade marcada por um passado escravagista, onde hoje existem símbolos e artefatos deste período. A cidade foi escolhida para sediar esta instituição de ensino superior por ter sido a primeira cidade a libertar os escravos.

Para tanto, fez-se, primeiramente, uma análise dos trabalhos de conclusão de curso afim de obter um panorama de como assuntos pertinentes as relações raciais, tem de alguma forma contribuído para desconstruir estereótipos e paradigmas negativos relacionados a essas populações no âmbito desta instituição. Assim, foram analisados no repositório institucional da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), trabalhos científicos com o descritor racismo que veio acompanhado de outras categorias como discriminação racial, identidade negra, literatura africana, e implementação da lei 10.639/2003.

Em se tratando dos trabalhos de conclusão de curso produzidos pelos acadêmicos, de modo geral, abordaram a valorização da cultura negra, desconstruindo a ideia folclorizada da África e estereotipada dos africanos, mostrando a diversidade existente. A implementação de medidas no combate ao racismo e as desigualdades raciais, como por exemplo as cotas raciais, a implementação da lei 10.639/2003 e o Estatuto da Igualdade Racial também foram temáticas específicas abordadas.

Somando-se a estes trabalhos, esta pesquisa busca elucidar questões sobre o mito da democracia racial como uma ideologia do autoengano. Ideologia que mascara as reais

situações que acontecem em nossa sociedade, em que o negro é constantemente vitimado por preconceitos em diferentes espaços sociais. Dados do IBGE<sup>1</sup> de 2004 em pesquisa realizada nas capitais Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, demonstraram o nível de desigualdade de oportunidades na educação, pois entre as pessoas em idade ativa com 11 anos ou mais de estudo estavam 42,9% dos brancos e 24,9% dos pretos ou pardos. Pessoas sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo, estavam 6,7% dos pretos ou pardos e 3,7% dos brancos. A população branca se concentrava na classe de 11 anos ou mais de estudo e os pretos ou pardos na classe de 4 a 7 anos de estudo (36,4%). Enquanto 14,7% da população em idade ativa branca frequentavam ou já haviam frequentado algum curso de qualificação profissional, entre os pretos ou pardos este percentual era de 11,7%. Dados de 2006 em relação ao ensino superior revelavam que apenas 14,38% das pessoas negras tinham nível superior completo (LOPES, 2006).

Já o Censo<sup>2</sup> realizado em 2010 demonstra que em comparação ao ano 2000 o percentual de pardos cresceu de 38,5% para 43,1% (82 milhões de pessoas). A proporção de pretos também subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões) no mesmo período. Esse resultado também revela que a população que se autodeclara branca caiu de 53,7% para 47,7% (91 milhões de brasileiros). Contudo, o Censo Demográfico de 2010 demonstrou a diferença que existe no acesso a níveis de ensino pela população negra. No grupo de pessoas de 15 a 24 anos que frequentava o nível superior, 31,1% dos estudantes eram brancos, enquanto apenas 12,8% eram pretos e 13,4% pardos.

Para tentar quebrar essas discrepâncias foram implementadas políticas de ação afirmativas, como por exemplo, as cotas raciais, que garante acesso ao ensino superior nas universidades públicas do país de pessoas que se autodeclaram como pretas ou pardas. Em meio a resistências a Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira universidade a implantar uma política de ações afirmativas para negros, sistema de cotas raciais, no ano de 2004 no vestibular. Após a implantação em diversas instituições do país foi aprovada a lei nº 12.711, de agosto de 2012, conhecida também como Lei de Cotas, que a institui nacionalmente. Tendo um caráter de medida paliativa é uma tentativa de reparar os danos causados historicamente pela desigualdade racial.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/04062004pmecoreshtml.shtm>, 2004. Acesso em: 12. Nov. 2017

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>. Acesso em: 12. Nov. 2017.

Assim se há desigualdade racial, preconceito e racismo na sociedade brasileira, de forma geral, esta pesquisa busca compreender em que medida o racismo à brasileira é expresso e sentido dentro do contexto desta instituição. Então o principal enfoque desse projeto de pesquisa é o de analisar o racismo dentro da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará. Em artigo de autoria do professor BasÍlele Malomalo e Osmaria Rosa Sousa, existe a denúncia de relatos feitos do racismo praticado por outros alunos da universidade, assim como também pela comunidade onde os alunos residem. *A priori* as inquietações sobre o racismo no âmbito da UNILAB deram-se pela vivência neste espaço e pela observação de relações acadêmicas tensionadas pelas questões raciais e também pelo reconhecimento e valorização da cultura e identidade negra. Este projeto de pesquisa é desafiador e torna-se importante porque busca compreender as relações da instituição em que estamos e como relações discriminatórias da comunidade em torno são reatualizadas neste contexto específico.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Buscou-se aqui elucidar questões relacionadas ao racismo no ensino superior, entendendo ser o racismo uma prática totalmente excludente e opressora. Tendo a UNILAB como nosso campo de pesquisa, para compreender como o racismo à brasileira se manifesta. Tem-se como pressuposto o conceito de democracia racial como uma ideologia do autoengano. Esse estudo é polêmico, e também importante para buscar uma conscientização mais eficaz tanto na comunidade acadêmica, como também em todas as instituições sejam públicas ou privadas. Por meio de palestras, manifestações, produções de trabalhos científicos como este, que abordem temas na tentativa de desconstruir os inúmeros estereótipos, e preconceitos que compõem nossa sociedade, pois o racismo existe, e seus efeitos são catastróficos.

## **3. QUESTÃO DE PESQUISA**

Em que medida ocorre o preconceito racial no contexto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/CE e como ele influencia na integração entre africanos e brasileiros?

## **4. OBJETIVOS**

### 4.1 Objetivo Geral

Compreender como o racismo à brasileira manifesta-se entre os acadêmicos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/CE e em que medida ele influencia a integração entre africanos e brasileiros, tanto no que se refere à socialização como no desenvolvimento acadêmico dos estudantes negros estrangeiros.

### 4.2 Objetivos Específicos

- Analisar as produções científicas relacionadas ao preconceito racial e racismo no ensino superior;
- Conceituar o racismo à brasileira;
- Identificar e compreender a percepção dos africanos sobre o racismo à brasileira;
- Contextualizar a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/CE, seu projeto, histórico e proposta de integração;
- Analisar o racismo e as possibilidades que visam seu desmantelamento, por meio de ações afirmativas;
- Compreender as percepções dos estudantes africanos sobre o racismo no âmbito da UNILAB/CE.

## **5. LEVANTAMENTO DAS PESQUISAS SOBRE RACISMO NA UNILAB**

Aqui apresenta-se um Estado da Arte sobre a temática Racismo e Preconceito Racial dos Trabalhos de Conclusão de Curso das graduações e especializações realizadas na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Utilizando os descritores Racismo e Preconceito Racial foi feito um levantamento no repositório institucional da biblioteca desta instituição no dia 05 de outubro de 2017 e revista no dia 11 de outubro de 2017. Os trabalhos de conclusão de curso foram analisados nos seguintes aspectos: (1) Quantidade por ano; (2) Temáticas específicas de pesquisa; (3) Tipos de pesquisa; (4) Cursos; e, (5) Nacionalidade dos autores.

O primeiro dado quantitativo se refere ao número de produções no período de 2013 a 2017. Esta delimitação temporal deve-se ao fato de que o primeiro trabalho com esta temática aparece no ano de 2013. Contudo, é preciso pontuar que sendo a UNILAB criada no ano de 2011 está temática encontra-se presente desde os seus primeiros trabalhos de conclusão de

curso. Ressalta-se que visualizar a quantidade de produções serve para compreender o desenvolvimento do interesse nesta temática, cujas escolhas se relacionam tanto com as trajetórias individuais como com o contexto social e de formação. Abaixo segue o gráfico da quantidade dos trabalhos encontrados com a temática racismo e preconceito racial.

Gráfico nº 1: Quantidade de trabalhos realizados por ano. Levantamento de pesquisas envolvendo as temáticas, racismo e preconceito racial (2013-2017)



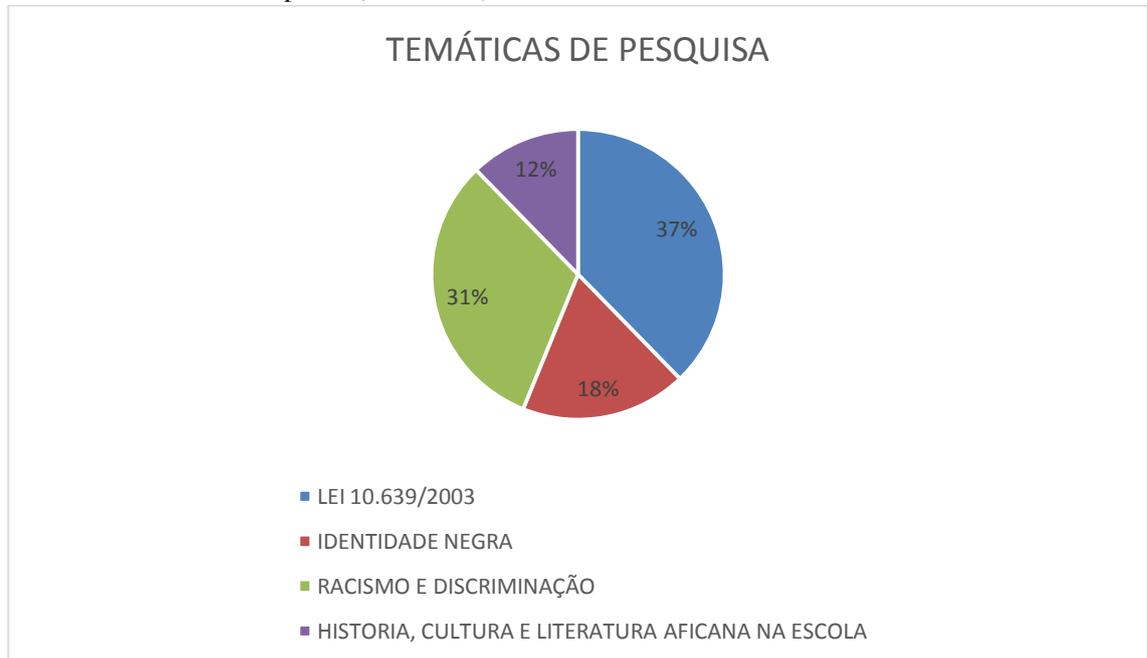
Fonte: elaboração própria.

A partir deste gráfico, podemos observar a quantidade de trabalhos realizados com base nesta temática, cujo corpus está composto por 16 trabalhos retirados do acervo do repositório da Universidade em que a pesquisa se situa. No ano de 2013, destaca-se um trabalho envolvendo o tema, que foi fruto do curso de pós-graduação. Em seguida, no ano de 2014, é possível observar um considerável aumento cerca de quatro trabalhos registrados, os quais versam sobre a lei 10.639/2003, e identidade negra. No ano de 2015 os números voltaram a cair totalizando 1 trabalho apresentado. Supostamente por ter sido ano de greve dos professores, servidores e alunos, que perdurou cerca de três meses acarretando assim um decréscimo geral dos TCCs defendidos; e no ano seguinte tendo um aumento considerável, um total de nove projetos. Infere-se que pode ser este o principal motivo deste aumento, o fato das defesas terem sofrido um atraso, ficando para o ano de 2016. Em 2017, até o momento foi identificado um trabalho envolvendo essa temática.

O segundo aspecto analisado se refere as temáticas específicas das pesquisas. Este dado torna-se relevante para compreender as questões as quais se debruçam os autores e em

que medida a temática de interesse delineada neste projeto tem se figurado como objeto pesquisa.

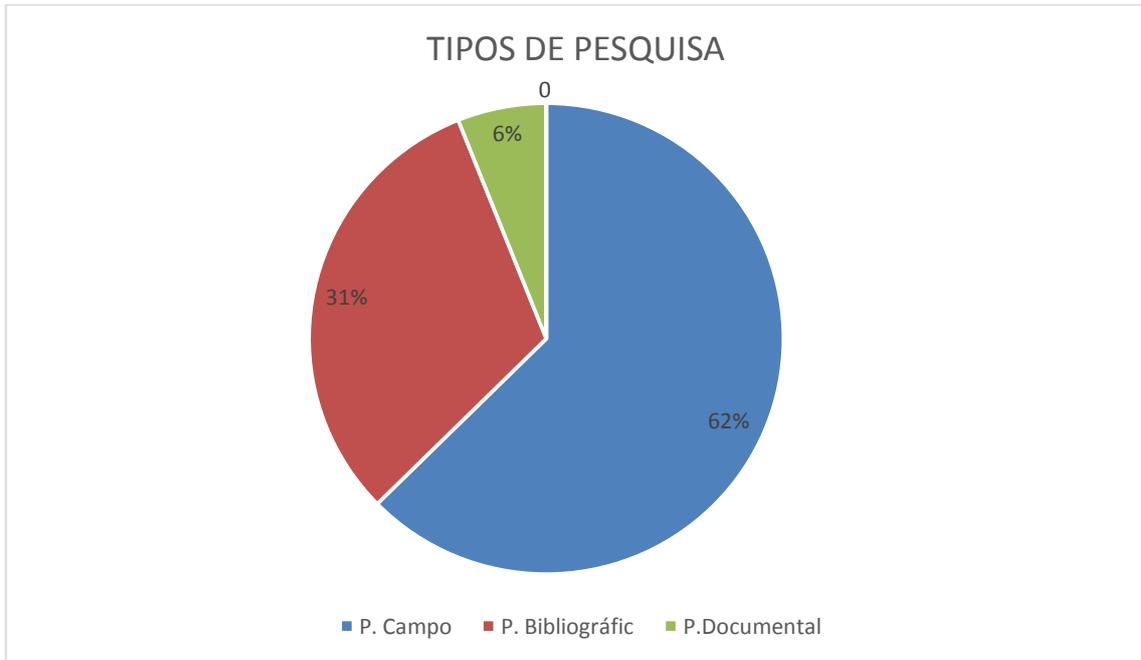
Gráfico nº 2: Temáticas trabalhadas nas pesquisas. Levantamento estado da arte de pesquisas envolvendo as temáticas, racismo e ensino superior (2013-2017)



Fonte: elaboração própria.

No gráfico acima é possível observar as temáticas tratadas nos referidos trabalhos. Vale ressaltar a quantidade expressiva no interesse dos alunos em realizar pesquisas sobre a lei 10.639/2003 (37%), posteriormente temos a temática racismo e discriminação (31%), assim como, Identidade Negra (18%) e História, cultura e Literatura Africana (12%). É interessante ressaltar a ausência de trabalhos com a temática utilizada nesta pesquisa, que se trata do estudo da prática do racismo no ensino superior, o qual foi pensado a partir da necessidade de se discutir tal temática no nosso próprio âmbito acadêmico.

Gráfico nº 3: Bases Teóricas. Levantamento estado da arte de pesquisas envolvendo as temáticas, racismo e ensino superior (2013-2017)



Fonte: elaboração própria.

As pesquisas de campo apresentam uma quantidade significativa em relação as demais (62%), utilizando o ambiente escolar como ponto de partida tanto em relação as práticas pedagógicas utilizadas pelos docentes, como o preconceito sofrido por professores negros e percepções dos alunos sobre a história e cultura negra e participação do negro na sociedade.

Segundo Gonsalves (2001, p.67) para este trabalho a pesquisa de campo:

É o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Em seguida, a pesquisa bibliográfica com 31%, fazendo uso de obras de autores como Kabengele Munanga, Lilian Schwarscz, Florestan Fernandes, e entre outros. A pesquisa documental, definida como “Fonte de dados brutos para o investigador” segundo (FERREIRA, 2004, p.03), teve percentual de 6% com a análise das leis que buscam a valorização da presença negra no Brasil, com ênfase na lei 10639/2003. A partir da leitura desses dados observa-se que o interesse em conhecer as dinâmicas realizadas na escola sobre a temática do racismo e do preconceito racial, tem preponderância, o que se pode também relacionar com ensejo de uma atuação nos contextos micro sociais para a transformação.

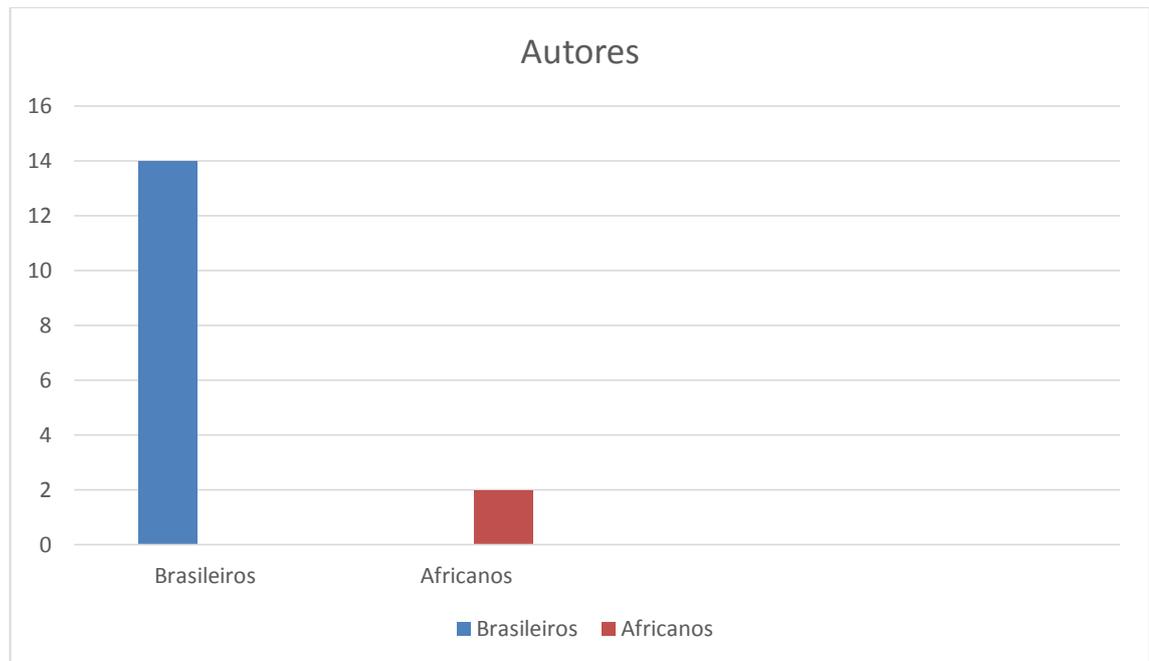
Observa-se também a disposição, e o desejo de ir em busca, de aperfeiçoar ainda mais a literatura voltada para as relações étnico raciais que outrora eram silenciadas pelo racismo velado de nossa sociedade.

Os cursos que serviram como desenvolvimento destas pesquisas foram o de Bacharelado em Humanidades, com um total de quatro e a Especialização em Política de Igualdade Racial no Ambiente Escolar (UNIAFRO) com 12 trabalhos defendidos. A visualização dos cursos pelos quais foram desenvolvidas estas pesquisas tenciona o interesse por esta temática de pesquisa, pois 75% se refere a um curso de formação sobre a igualdade racial na escola e 25% dos trabalhos são do Bacharelado em Humanidades. Em 2014 teve-se a primeira turma de Bacharelado em humanidades a colar grau, com mais de 200 alunos. Segundo o repositório institucional da UNILAB visualizado no dia 24 de outubro de 2017, 467 trabalhos foram defendidos, entre todos os cursos ofertados na UNILAB.

A partir do gráfico abaixo é possível tecer informações sobre a nacionalidade dos autores responsáveis por essas publicações que nos serviram de base. Sendo a maioria dos autores brasileiros, e dos cursos de pós-graduação pode-se inferir que boa parte deles são redencionistas, os quais desenvolvem trabalhos em escolas da região, atuam como professores concursados, contratados. Pode-se perceber através de suas narrativas escritas nos TCCs, o quão significativo é fazer parte da UNILAB, como dela tem contribuído para desmistificar conceitos em relação a população negra e a busca por igualdade de direitos, tendo em vista o racismo que atravessa a sociedade brasileira. Interessante salientar a alusão que todos fizeram sobre a lei 10.639/03, se o professor detém o conhecimento necessário para lidar com as relações raciais no ambiente escolar. Chamando atenção para os elementos culturais, mostrando que é na sala de aula que desconstruiremos as atitudes de preconceitos e discriminações.

Temos neste levantamento dois trabalhos de uma estudante estrangeira, um deles ela obteve no curso de Bacharelado em Humanidades e o outro no programa de pós-graduação; os quais respectivamente discutem a aplicabilidade da lei 10.639 no maciço de Baturité; Identidade Negra, o uso do cabelo crespo como forma de afirmação de Identidade, de autoria de Honorata Dias, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 4: Autores. Levantamento estado da arte de pesquisas envolvendo as temáticas, racismo e ensino superior (2013-2017).



Fonte: Elaboração própria.

Para finalizar esta parte do projeto, destaca-se que foi realizado um levantamento das produções científicas sobre a temática racismo e preconceito racial entre os anos 2013 a 2017, apresentadas na Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB/REDENÇÃO-CE. Foram identificadas pesquisas em dois cursos, Bacharelado em Humanidades (BHU) com um total de quatro trabalhos e do curso de pós-graduação, somando mais 12 trabalhos. Foi observado o ano de cada publicação, dentro de um período de quatro anos, somando um total de 16 publicações. Os resultados desses trabalhos revelam um crescimento no interesse por esses temas, sobretudo nos anos 2014 e 2016 os quais tiveram a lei 10.639/2003 como ponto de partida, em seguida a temática específica como racismo e identidade negra, como também história e cultura africana. Os tipos de pesquisa foram divididos em pesquisa de campo com a maior quantidade, seguida por bibliográfica e documental.

Vale mencionar que as pesquisas de campo foram realizadas em escolas de Redenção e municípios vizinhos, as quais de um modo geral analisaram a implementação da Lei 10.639/03, o trabalho pedagógico, as práticas racistas, através de ideologias internalizadas, a formação dos professores dentro das relações raciais. Buscando a valorização das culturas diversas, de nossa sociedade enfatizando a identidade negra como sendo primordial nessa pluralidade.

Embora essa quantidade ainda não seja expressiva, há um crescente número de trabalhos científicos realizados com a temática racismo, preconceito racial e identidade negra. Nas universidades e escolas esses temas têm sido valorizados. A instalação da Unilab no interior do estado do Ceará favoreceu essa discussão desmistificando a imagem estereotipada do negro, valorizando a cultura afro-brasileira e sua vasta diversidade, que há muito tempo, desde a colonização foi impressa no imaginário social de modo estigmatizado. Quase todos os trabalhos lidos sobre essa temática nos levam a pensar a implementação da Lei 10.639/2003 que instituiu a obrigatoriedade do ensino das disciplinas de história da África e afro-brasileira no currículo escolar.

Embora a importância do desenvolvimento destas pesquisas no âmbito da escola básica seja inegável torna-se também necessário identificar e compreender as práticas de discriminação racial no ambiente acadêmico. Observa-se a partir desse estado da arte, a carência de trabalhos com essa temática e mesmo a ausência de trabalhos científicos sobre racismo no Ensino Superior. Há que se colocar em discussão o fato da UNILAB ser uma universidade recente, pois foi criada no ano de 2011 que tem em seu estatuto de criação a integração internacional em que a relação entre internacionais africanos e brasileiros pode ser tensionada no que se refere as relações raciais. Esse é um dos motivos que se faz necessário desenvolver pesquisas sobre racismo no universo acadêmico, sobretudo, na UNILAB.

## **6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **6.1 Falando sobre racismo**

Falar sobre Racismo não é tarefa fácil tendo em vista ser um tema muito complexo, desafiador, no sentido de que ele constitui as relações sociais da sociedade brasileira, reatualizando discursos e práticas. Sua base está fundamentada na superioridade de uma raça, sobre a outra, no ódio; um ódio peculiar, dirigido contra toda uma parte da humanidade, identificada a partir do fenótipo dos povos negros. Esse profundo ódio que denominamos racismo (MOORE, 2007). Um racismo velado o qual identificamos como racismo à brasileira. Schwarcz (2010, p.36) diz que racismo à brasileira “Percebe antes coloração do que raças, que admite a discriminação apenas na esfera íntima e difunde a universalidade das leis, impõe as desigualdades na esfera da vida”. De acordo com a autora, percebe-se novamente o fenótipo como fator principal para a estigmatização dos povos, o conceito ideológico persistindo, independente do biológico. Alguns intelectuais como Nina Rodrigues, Joseph Arthur Gobineau (1816-1882) acreditavam que a mestiçagem era algo absurdo e que a grande

quantidade da “população negra essencialmente mestiça” traria ao país um subdesenvolvimento, provocando um atraso por causa da impureza da raça. Assim, vê-se como o racismo foi também justificado teoricamente.

Segundo Carone (2014):

O racismo de Gobineau estava fundado em numa visão poligenista da humanidade e condenava o cruzamento inter-racial, que teria como consequência a perda da pureza do sangue da raça branca e superior e a produção de seres inférteis e incapazes – os sem raça – que viriam a comprometer o potencial civilizatório de nosso povo. O mestiço seria o mulato, equivalente ao mulo, animal híbrido e infértil derivado do cruzamento do jumento com a égua ou do cavalo com a jumenta. (CARONE, 2014, p.14).

Observamos o racismo manifesto através dessa visão de Gobineau. Essa corrente poligenista defendida por ele, em que o cruzamento entre negros e brancos provocaria um distúrbio na “raça”. Comparando o negro a um animal irracional, acreditando ser o negro o principal responsável por todas as mazelas que assolam a sociedade. Atribuindo uma superioridade a “raça” branca e desqualificando o mestiço.

Para ser racista, coloca-se como postulado fundamental a crença na existência de “raças” hierarquizadas dentro da espécie humana. De outro modo, no pensamento de uma pessoa racista existem raças superiores. Em nome das chamadas raças, inúmeras atrocidades foram cometidas nesta humanidade: genocídio de milhões de índios nas Américas, eliminação sistemática de milhões de judeus e ciganos durante a Segunda Guerra Mundial. Como se não bastasse o antissemitismo, a persistência dos mecanismos de discriminação racial na África do Sul durante a *Apartheid*, nos Estados Unidos, na Europa e em todos os países da América do Sul encabeçados pelo Brasil e em outros cantos do mundo demonstra claramente que o racismo é um fato que confere à “raça” sua realidade política e social. Ou seja, se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis. Em outros termos, poder-se-ia reter como traço fundamental próprio a todos os negros (pouco importa a classe social) a situação de excluídos em que se encontram em nível nacional. Isto é, a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de “exclusão”. Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e de pleno exercício da cidadania. (MUNANGA, 2009, p. 15-16).

Munanga (2009) analisa a visão que um racista tem acerca das “raças” e a situação de exclusão que os negros enfrentam, as atrocidades que contra eles foram realizadas, as injustiças sociais, e que o negro independente de classe social é constantemente vítima de racismo e discriminação.

## 6.2 Democracia racial, como ideologia do autoengano

No Brasil foi construído no imaginário da população, uma democracia racial, crença em que fazemos parte de uma nação onde todas as raças convivem em harmonia, sem conflitos ou segregações. Porém, essa ideologia não passa de um mito para tentar mascarar as inúmeras desigualdades existentes e excludentes que a todo tempo o negro se torna vítima. Sendo pregado falsamente um tratamento igual para negros e brancos, em que ambos têm acesso aos mesmos serviços e direitos. Embora saibamos que de fato não é assim.

Moore (2007, p. 23) em seu trabalho destaca que:

Muitos bancos, comércios, linhas aéreas, universidades e estabelecimentos públicos e privados de todo tipo contratam apenas pessoas de raça branca, que por vezes são responsáveis pelas piores prestações de serviços à maioria da população negra.

Com isso percebe-se que cargos mais visíveis, e “importantes” já se tem preferência por pessoas de cor clara. O que demonstra que a democracia racial não passa de um mito para tentar mascarar as injustiças sociais existentes em nosso país.

Para esse entendimento, basta analisar a escravidão, principalmente o pós-abolição. A transição do sistema de mão-de-obra escrava para o trabalho assalariado. Os negros foram jogados a margem da sociedade, excluídos, sem nenhum direito à moradia e não tinham condições de ascenderem socialmente. Muitos deles passaram a trabalhar de carpinteiros, prostitutas, artesãos. Vivendo em regiões periféricas. Não havia políticas públicas de inclusão e a entrada dos imigrantes dificultou ainda mais as possibilidades de ascender socialmente e mudar o quadro de tantas dificuldades (BASSO, 2001).

O racismo sempre foi uma realidade social e cultural pautada exclusivamente no fenótipo da pessoa. Concordamos com Moore (2007) quando diz que o racismo acontece por conta da falta de políticas institucionais que tratem de questões de gênero, etnia, desigualdades sócio-raciais. Nossa sociedade é racializada, assim como todas do continente Americano. Sendo assim, o racismo se torna cada vez mais presente. É um problema que deve ser resolvido, pois ele apresenta uma ameaça para a paz mundial. No texto de Moore (2007) traz uma alerta sobre a banalização do racismo, a qual cria uma impressão de “estar tudo bem”, conferindo ao racismo uma atitude simples que não traz tantos estragos assim para as diferentes “raças”.

Com base nos estudos feitos por Moore (2007), percebe-se que a partir dos anos 2000, o estado começa a se preocupar com as desigualdades sócio-raciais. O Brasil começa a

desenvolver políticas de ações afirmativas para as populações negras, a criação do estatuto racial. A prática do racismo começa a ser vista como crime inafiançável. Mas o que é o racismo? Qual sua origem, seus impactos na sociedade? Isso talvez não seja tão fácil de explicar mais aqui tenta-se abordar um pouco de suas facetas e impactos negativos para a população, e como ele se manifesta na academia. Para isso, ter-se-á como base o texto do professor Basílele Malomalo (2015) como ponto de partida para analisar o racismo no ensino superior, tendo a UNILAB e internacionalização com o continente africano como referências.

### 6.3 A denúncia do Racismo

Basílele (2015) em seu artigo declara existir racismo na UNILAB, onde as denúncias feitas pelos estudantes são colhidas pelas assistentes sociais. Como podemos evidenciar nessa citação:

Chegam, sim, esses relatos [de racismo]. Eles chegam de maneira transversal. Muitas vezes, elaboramos um evento para tratar de outro tema da assistência estudantil, aí conversando, batendo papo, essas questões surgem. [...] O ano passado teve uma série de ciclos de encontros, onde todas as nacionalidades estavam presentes. [...] a gente ouvia os relatos. [...] e uma das questões que foram pontuadas foi a inserção deles na cidade e o racismo. [...] e todos eles, de todas as nacionalidades, relataram a questão do racismo por parte da população local. Desde aquele racismo mais velado de, por exemplo, os moradores não quererem alugar o imóvel, dizer que já está alugado, quando não está, como o racismo de forma mais direta, como eu lembro bem o caso de um estudante que disse que estava na praça com outros colegas estudantes, eles eram angolanos, e lá na cidade de Redenção tem um busto de uma negra em uma das praças principais, e aí chegou esse grupo de pessoas da cidade e começaram a oferecerem bananas para o busto, começaram a chamá-los de macacos e olhar para os estudantes, porque a intenção ali era ferir os estudantes, instigar os estudantes. (BASÍLELE E SOUZA, 2015, p. 96).

O professor Basílele Malomalo desenvolveu juntamente com Osmaria Rosa Souza um artigo em que se discute os *Desafios da Integração Perante o Racismo na UNILAB*, onde eles compreendem o *racismo à brasileira* como sendo um impedimento da integração internacional. Esse racismo velado parte tanto da comunidade acadêmica, como também dos moradores das cidades onde os estudantes africanos residem. O fato dos locatários se negarem a alugar os imóveis para estudantes africanos alegando eles serem irresponsáveis, utilizando adjetivos como: sebosos, barulhentos, desorganizados, entre outros adjetivos, constituísse um racismo velado.

O preconceito manifesto pelos olhares de cima pra baixo, o distanciamento de boa parte da população, as perguntas feitas pelo mundo africano revelam um desconhecimento e ignorância em relação a África, revelando práticas racistas e estereotipadas como podemos

evidenciar na fala de um estudante no texto de Gusmão, (2006) que foi comparado a um macaco.

“Você vem da África? Mas lá vocês falam português? Lá vocês têm carro, luz elétrica? ”; “Como você chegou aqui? De navio” Porque muitos assim, muitos amigos meus pensam assim: ” Puxa...Lá em Angola ceis vivem em tribos, não sei que tal”. A gente fala não, nós temos o nosso dia-a-dia. É vivenciamos como aqui né? Lá existe também prédios, lá também dançamos, nós lá também bebemos. A vida é praticamente igual aqui, mas o brasileiro tem uma outra visão de como é a África. É essa imagem que é passada, né? O pessoal nem tem outra imagem que caracteriza realmente o mundo atual, digamos. (GUSMÃO,2006, p.54).

A partir desse diálogo, podemos entender a ideia folclorizada que as pessoas têm sobre a África, e os Africanos. Esse tipo de pensamento racista coloca a população negra em lugar de inferioridade em detrimento de sua cor. Em sua tese de dissertação, Mônica Assunção (2015) fala sobre sua dificuldade em ser aceita dentro da sala de aula, pelos alunos e professores, simplesmente por não fazer parte do padrão racial estabelecido. Embora suas notas fossem sempre “excelentes”, aquele ambiente era carregado de opressão e preconceito fazendo com que ela se sentisse uma “estrangeira”, em sua própria terra natal.

Dificuldades são fruto do preconceito racial, negros são vistos apenas pelo seu fenótipo, e suas qualidades são quase sempre atribuídas a sua força braçal, como constante reatualização do período colonial e escravocrata brasileiro. Assim como Fernandes (1996) corrobora-se que essas desigualdades e dificuldades que a população negra enfrenta só chegarão ao fim quando não houver mais desigualdades sociais, quando entre negros e brancos não houver distinção. De acordo com Moore (2007), quando a colocação de todas as características fenotípicas das populações que compõe a sociedade estiver em um mesmo plano de valorização estético-moral e afetiva. Discriminação racial é manifesta quando a igualdade de tratamento é negada a uma pessoa ou a um grupo de pessoas em razão de sua origem racial (MUNANGA,1990).

#### 6.4 A lei 10.639/2003 suas contribuições

A criação da lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da “História e Cultura afro-brasileira e indígena nos currículos escolares, é umas das principais medidas utilizadas no combate ao racismo. Através da implementação dessa lei para o reconhecimento dos povos africanos e indígenas e sua contribuição para a formação da sociedade brasileira, acredita-se ser mais um passo para a valorização efetiva dessa diversidade. Por meio desse diálogo muitos estereótipos e ideologias serão desconstruídos dando lugar a uma pluralidade de saberes e heranças da ancestralidade africana. Vale ressaltar que essa conquista e tantas outras

deve-se aos movimentos sociais, o Movimento Negro, que incessantemente busca uma equidade social e racial. Faz-se necessário relatar a contribuição que a UNILAB está tendo no desconstruir estereótipos relacionados as populações negras.

Portanto, tornou-se necessário que os estudantes percebessem que estudar a cultura negra e indígena seria tomar consciência de suas raízes, reconhecendo-se como integrante dessa história. Através, por exemplo, do uso do cabelo crespo, como afirmação de identidade. Como D'adesky (2001, p.76) em seus estudos compreende que “Nenhuma identidade é construída no isolamento”. Entende-se que é no coletivo que esse reconhecimento se manifesta. Analisa-se, dessa forma, a influência que os professores e alunos tem dentro da academia. Sem falar nas disciplinas que são voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira, as quais são ministradas, por exemplo, nos cursos de Bacharelado em Humanidades, Pedagogia, História, Sociologia na UNILAB, versando sobre a capoeira, ancestralidade africana, cruciais, portanto na desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Outra medida foi tomada para tentar promover uma sociedade igualitária que foi a criação do Estatuto da Igualdade Racial pelo projeto de lei n. 3.198, de 2000, “que institui o Estatuto da Igualdade Racial, em defesa dos que sofrem preconceito ou discriminação em função de sua etnia, raça e/ou cor”.

#### 6.5 UNILAB um sonho que se tornou realidade

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira se encontra instalada na cidade de Redenção, região do maciço de Baturité interior do estado do Ceará. E, em mais duas outras cidades, Acarape, cidade vizinha de Redenção e em São Francisco do Conde na Bahia. A cidade de Redenção escolhida para sediar a UNILAB foi pioneira a abolir a escravidão no Brasil no ano de 1883 e, está localizada a 72 km de sua capital Fortaleza. Com a missão de:

Produzir e disseminar o saber universal, de modo a contribuir com o desenvolvimento, social, cultural, e econômico do Brasil e dos países de língua portuguesa, por meio de da formação dos cidadãos com sólidos conhecimentos filosóficos, científicos, cultural e técnico, compromissada com a superação das desigualdades sociais. (BRASIL.2010).

A instalação da UNILAB no interior do estado do Ceará trouxe esperança, oportunidade para a camada popular da sociedade. Não só isso, mas também a possibilidade de mudar o quadro de “atraso” em que o Nordeste é visto pelos brasileiros. Como podemos ver, nessa citação, a função da UNILAB é proporcionar um conhecimento interdisciplinar

capaz de transformar por meio da educação a vida de milhares de pessoas. A UNILAB apesar de ser uma universidade é construída por estudantes do Brasil, da África e Timor Leste. Segue abaixo uma tabela descrevendo o quantitativo geral dos estudantes segundo o *site* da UNILAB, na aba UNILAB em números.

QUANTITATIVO GERAL DE ESTUDANTES DA UNILAB (GRADUAÇÃO, PÓS-GRADUAÇÃO, PRESENCIAL E A DISTÂNCIA)								
CURSOS PRESENCIAIS								
NACIONALIDADE	BRASIL	ANGOLA	CABO VERDE	GUINÉ BISSAU	MOÇAMBIQUE	SÃO TOME E PRÍNCIPE	TIMOR LESTE	TOTAL
GRADUAÇÃO	2.964	151	91	622	32	84	51	3.995
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU PRESENCIAL								102
CURSOS A DISTÂNCIA								
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU								914
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU A DISTÂNCIA								1.792

Dados da pesquisa atualizados em 18/08/2017. Fonte: Diretoria de Registro e Controle Acadêmico – DRCA (dados de outubro/2017)

Esse gráfico representa o quantitativo geral de estudantes da UNILAB matriculados nos cursos que aqui são ofertados; compõe também a nacionalidade dos estudantes, assim como a quantidade dividida por país. Interessante apontar para o não comprimento da política de paridade no acesso dos/as estudantes dos países parceiros: a lei determina 50% para os/as estudantes brasileiros/as e 50% para os/as estudantes dos países parceiros (DIRETRIZES, 2010, p. 10).

A UNILAB foi gestada por acordo bilateral entre países de língua portuguesa, durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 25 de maio de 2011, data alusiva ao dia da África, com o intuito de possibilitar o acesso à educação para alunos do Brasil e do mundo. A instalação da UNILAB se deu via de manifestações do movimento negro que reivindicava um projeto de nação que atendesse as demandas sociais que foram negadas desde o governo neoliberal do FHC (MALOMALO, 2016).

Idealizada pela Lei n. 12.289, sancionada pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em 20 de junho de 2010, a UNILAB garante o acesso ao ensino superior, em vários campos de saber, com a missão de assegurar o intercâmbio internacional com estudantes universitários, oriundos de diversos países, em especial, notadamente Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Timor Leste, países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), fundada em julho de 1996. O presidente Lula idealizou a UNILAB como uma forma de pagar uma dívida que

segundo ele, o Brasil tem com o continente Africano. Considerando o fato do Brasil ter sido um dos últimos países a abolir a escravidão (MALOMALO, 2016).

A UNILAB é a terceira universidade federal do estado do Ceará, e tem sido um divisor de águas no combate às desigualdades econômicas e sociais existentes no nordeste do Brasil. Sua instalação no interior do estado trouxe a uma população o sonho de cursar um ensino superior, filhos em geral de pessoas do campo, hoje podem se orgulhar de fazer parte de uma minoria que conseguiu chegar ao nível superior.

#### 6.6 Movimento negro e a luta incessante por oportunidades

Interessante destacar a contribuição dos movimentos sociais que se desenvolveram aqui no Brasil como é o caso do movimento negro, compreendida como um “Conjunto de entidades privadas, integradas por afrodescendentes e empenhados pela luta, pelos seus direitos de cidadania” (SANTOS, 2007, p.64). Os afro-brasileiros têm se articulado e resistido aos governos liberais, buscando igualdade de oportunidades no campo social e econômico. Por meio de suas lutas incessantes muitos direitos estão sendo adquiridos.

O movimento negro tem feito um trabalho efetivo na luta por direitos iguais para a população negra, a busca por participação na política, pelo fim das desigualdades sociais, folclorização das culturas, como um meio de fugir das práticas racistas que assolam a sociedade brasileira. Segundo Fernandes (1996), o fim do racismo só vai chegar quando não houver mais diferenças nas classes sociais, onde negros e brancos tiverem oportunidades iguais nas decisões políticas. Quando negros estiverem ocupando cargos que são tidos de elite, médicos, advogados, engenheiros.

Durante a ditadura ele se manteve silenciado, atuando a partir de 1978 foi ganhando espaço. O exemplo disso tem-se a marcha Zumbi dos Palmares que ocorreu no ano de 1995. Foi a partir dessa manifestação que reivindicava oportunidades para a população negra da sociedade que deu início ao desenvolvimento das cotas raciais, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Segundo Basso (2016), cotas raciais é uma espécie de medidas paliativas que foram criadas a partir de muita luta, do movimento negro a fim de proporcionar acesso à educação de qualidade para negros nas universidades como uma forma de compensar os inúmeros anos que a população negra se manteve em situação de exclusão da sociedade, para tentar superar essa desigualdade social existente, e quem sabe um dia sermos de fato um país justo e livre do racismo.

## 6.7 As cotas raciais

As cotas raciais assumem um papel preponderante na busca por ascensão social, combate ao racismo, busca por igualdade de oportunidades, defendida pelo Estatuto da Igualdade Racial criado em 2010. Com o intuito de promover a interação desses povos nos espaços políticos de poder, pois a população negra enfrenta inúmeras dificuldades.

Essa política pública que tem sido tema de diversas discussões garante aos negros acesso ao ensino superior em instituições públicas do país. Com o intuito de acabar com as injustiças sociais entre o negro e o branco a fim de beneficiar um grupo que foi excluído historicamente. Embora saibamos que elas não têm poder suficiente de transformar a realidade brasileira de uma vez por todas, mas é, sem dúvida, uma oportunidade de tentar quebrar as barreiras que impedem a inclusão social entre os diferentes grupos populacionais, que tanto contribuíram para o desenvolvimento do Brasil.

Em 30 de junho de 2014, Edson Santos, então deputado federal pelo PT- RJ, se posicionou a favor das cotas:

No Brasil, 80% dos ricos são brancos, 70% dos pobres são negros. O analfabetismo entre os brancos é de aproximadamente 6%, e entre os negros, de 14%. Quem acredita que as causas da desigualdade são meramente econômicas desconsidera que os brancos pobres conseguem, apesar da pobreza, chegar mais longe que os negros no mercado de trabalho. Justamente porque os negros enfrentam mais problemas e discriminações, como a necessidade de trabalhar precocemente e a violência vivenciada pela juventude negra nas favelas e periferias dos grandes centros urbanos. Assim, as cotas surgem como mecanismo para promoção de justiça social.

Como Basso (2011) diz, há inúmeras políticas públicas para beneficiar a sociedade brasileira, como, por exemplo, as ações afirmativas para gestantes, idosos, deficientes. Porém, as cotas raciais são as que mais são criticadas. Por que isso? O que há por trás desse discurso? Que incoerência é essa com nossa constituição brasileira? Quando diz que todos somos iguais perante a lei? Mesmo com o Estatuto da Igualdade Racial, o qual garante acesso aos mesmos direitos entre negros e brancos? O que podemos inferir nessas atitudes é, sem dúvida, um preconceito excludente e um racismo velado.

Sendo assim, a partir da fala de estudantes africanos, que declaram terem sido vítimas de constantes ataques racistas, onde os mesmos foram até comparados a macacos por pessoas da comunidade dos municípios em que residem e tidos novamente como inferiores, assim como eram vistos, e tratados pelos escravocratas do período da escravidão, parece que muita coisa ainda necessita ser feita, para de fato alcançarmos uma sociedade justa e igualitária.

## 7. METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza em relação a sua natureza como básica, em relação aos seus objetivos como descritiva, pois busca identificar e descrever as situações de discriminações raciais vivenciadas e, explicativa, pois também busca compreender como e porque as mesmas ocorrem. Quanto aos procedimentos técnicos se caracteriza como bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica se caracteriza como a primeira etapa da pesquisa de campo. Esta primeira etapa da pesquisa se refere tanto ao levantamento dos trabalhos realizados sobre esta temática como um panorama teórico-conceitual inicial que auxilia na construção da pesquisa (PRODANOV, FREITAS, 2013). Em certa medida, este trabalho foi realizado para a construção deste projeto, mas no próprio desenvolvimento da pesquisa há necessidade de dialogar com outros autores e adensar a base teórica, também conforme o desenvolvimento da mesma. A pesquisa de campo torna-se necessária quando se pretende investigar uma problemática que ocorre na realidade cotidiana e de forma espontânea, como definem Prodanov e Freitas (2013). Dessa forma a temática aqui elencada para compreensão necessita de uma pesquisa de campo para descrever e compreender relações de discriminação racial no âmbito desta instituição de ensino superior.

Em relação a abordagem do problema esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, em que a interpretação dos aspectos analisados e a atribuição de significados são essenciais para o desenvolvimento da pesquisa e para chegar as respostas que dão conta das questões de pesquisa realizadas. No que se refere aos instrumentos de coletas de dados serão realizadas entrevistas não padronizadas ou não estruturadas, em que não existe um roteiro rígido, sendo que o pesquisador pode explorar as questões de acordo com o desenvolvimento da própria pesquisa (PRODANOV, FREITAS, 2013). Contudo, é necessário estabelecer um roteiro de aspectos a serem explorados nas entrevistas, conforme a temática, que, no momento estão elaborados nos seguintes tópicos: (1) percepções sobre o racismo no Brasil; (2) compreensões sobre as relações interpessoais na UNILAB e o contexto entorno; (3) experiências de racismo.

O contexto de desenvolvimento desta pesquisa é a Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/CE e a escolha dos interlocutores ocorrerá por meio de identificação e indicação de redes interpessoais. A quantidade de interlocutores será definida a partir do desenvolvimento da mesma, mas pretende-se entrevistar colaboradores de todas as áreas de conhecimento dos cursos de graduação da UNILAB.

## 8. REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Mônica Pontes de,- **Relações cotidianas no ambiente constituído UFPA: A experiência dos acadêmicos de países Africanos/** Monica Pontes de Assunção-2015
- BRASIL. Congresso. **Lei nº 7.824, de 11 de outubro de 2012.** Brasília, DF, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20112014/2012/Decreto/D7824.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2012/Decreto/D7824.html) Acesso em: 12, out. 2017.
- CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: Estudo sobre branquitude e branqueamento no Brasil/** Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (organizadoras). 6. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil; pluralismo étnico e multiculturalismo.** Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- DIRETRIZES Gerais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, julho de 2010. Disponível em: [http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes\\_Gerais\\_UNILAB.pdf](http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf). Acesso em: 3 mar. 2016.
- LOPES, Cristina (ORG). **Cotas raciais por que sim?** Ibase: observatório da cidadania.2º Edição. Rio de Janeiro:2006
- MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo.-** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos/** Kabengele Munanga. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Coleção Cultura Negra e Identidades).
- \_\_\_\_\_. **Racismo: da desigualdade à intolerância.** São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação SEADE, São Paulo, p. 51-54. Abril/julho 1990.
- PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SANTOS, Edson. **Sistema de cotas nas Universidades dividiu o país a partir do ano 2000.** O Globo, São Paulo. Publicado em 25 jul 2017. Entrevista concedida a Claudia Peluffo de Amorim. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/sistema-de-cotas-nas-universidades-dividiu-pais-partir-do-ano-2000-21629541#ixzz4ydfGfhZu> acessado em: 16/11;17 as 20:10 PM.
- SANTOS, Joel Rufino. **O que é Racismo.** São Paulo: Brasiliense, 1980
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil.** 2ª ed. – São Paulo: Publifolha, 2010. – (Folha explica)
- SOUZA, Osmaria Rosa. **O papel do Serviço Social na política de assistência estudantil da UNILAB: promovendo direitos dos/as estudantes africanos/ as.** (Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social). Fortaleza: Faculdade Teológica e Filosófica Ratio, 2015